

Citação deste texto publicado:

Teixeira, José, 2007, "Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal", *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, nº 21/1, Universidade do Minho, Braga, pp. 207-239.

Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal

José Teixeira
ILCH - Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

Abstract

The Portuguese word "alcunha" means a non-voluntary nickname, sometimes with pejorative meaning and usually used in small localities. The main purpose of this kind of nicknames is to capture a detail that makes possible a quick identification, in other words, to stress a salient characteristic conducting to an easy referring process.

In this way, the nickname's social-linguistic strategy can show us the relevance of metaphor and, above all, of metonymy as cognitive processes with a great variation of linguistic strategies and forms.

Palavras-chave: Alcinhas, Sociolinguística, metáfora, metonímia, calão

1. Índices de uma realidade em transformação

É facilmente constatável que o processo sociológico das alcunhas aparece tradicionalmente ligado à ruralidade. Sendo as alcunhas, neste meio, uma das formas de designação e referência por etiquetagem dos membros de uma comunidade, elas funcionam sobretudo em espaços geográfica e demograficamente não muito vastos de modo a permitirem a possibilidade do interconhecimento total na comunidade.

A tradicional interajuda necessária à realização dos trabalhos agrícolas favorecia –em anos não muito longínquos— os intercâmbios constantes de serviços que proporcionavam encontros e convivências que se tornavam tanto mais facilitados quanto maior fosse o conhecimento e a coesão entre os membros da comunidade. Ainda há pouco tempo era comum as pessoas juntarem-se para vindimar, pisar as uvas, apanhar cereais, esfolhar o milho sem que houvesse pagamento. Trocava-se o serviço feito pelas ajudas feitas a cada um dos outros.

As alcunhas reflectem um conhecimento de um mundo em mudança e de vivências transformadas¹. Por exemplo, apresentar como justificação para a alcunha “Fura Bugalhos” a informação de que “criava objectos através da manipulação de bolotas” é não se dar conta que bugalhos não são o mesmo que bolotas. A justificação foi anotada por quem já não sabe a diferença entre estas duas realidades².

Por outro lado, elas são também a prova de como determinadas alterações sociais foram muito rápidas. São o testemunho de profissões que já foram importantes e que desapareceram. Permanece a alcunha, no entanto, como processo de designação ainda semanticamente transparente tendo-se alterado a realidade (profissional) que lhe deu origem. Quando quem recolhe a alcunha anota “Maquias— O comércio deles era a maquia (trocar produto por produto) uma quantidade qualquer pelo serviço que cobravam” nota-se que ainda há a memória social de uma profissão que já desapareceu. E só nestes exemplos, são várias:

Alinhavas	Porque era alfaiate (alinhavar).
Azeiteiro	
Bota-o-boi	
Bota-o-porco	
Cabreiros	O avô olhava por cabras no monte.
Calceteiro	
Capador	
Cesteiros	
Cinzeira	A mãe andava sempre a aproveitar as cinzas.
Coelha (Rosa)	Vende coelhos na feira.
Corriola	Negociava em videiras.
Farinheiro	
Ferrador	Adaptava ferraduras aos cascos dos cavalos.
Latoeira	O pai era latoeiro.
Leiteiro (a)	Faz colheitas de leite.
Maquias	O comércio deles era a maquia (trocar produto por produto) uma quantidade qualquer pelo serviço que cobravam.
Mineiro	Porque trabalhou numa mina.
Moleiro	O pai trabalhava numa moagem.
Porqueira	Negociava em porcos.
Sapateiro	Tinha a profissão de sapateiro.
Sardinheira	Mulher que vende peixe.

¹ As alcunhas podem servir também para compreender o passado das variedades regionais e das relações destas com a história da língua. A propósito de uma alcunha desta recolha de que não sabia a origem e o significado (“Caçapo”) verifica-se que no Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001) a forma aparece definida como “Coelho novo; homem baixo e atarracado”, propondo, para a forma, a etimologia “caçar”. Parece uma justificação pouco convincente: só aos cidadãos de hoje é que coelho implica automaticamente caça. É curioso que o dicionário Etimológico de José Pedro Machado não conhece a etimologia da forma, dizendo que a origem é desconhecida. No entanto, regista uma forma de 1253 “Andreas caçapo” que aparece na p. 36 na obra *Livros dos Bens de D. João de Portel*, cartulário do século XIII. Parece já aqui tratar-se de uma alcunha!...

² Bugalhos são bolas que se formam sobretudo nos carvalhos. Têm um interior composto por um miolo onde se desenvolvem insectos voadores. Os bugalhos não são frutos dos carvalhos como as bolotas (que no Minho se chamavam landras, landres, landas ou landes).

2. Alcnhas e referencialidade

Estará o fenómeno das alcunhas ligado ao facto de nas pequenas comunidades os apelidos serem muito idênticos, variarem pouco, já que há muitas pessoas da mesma família?

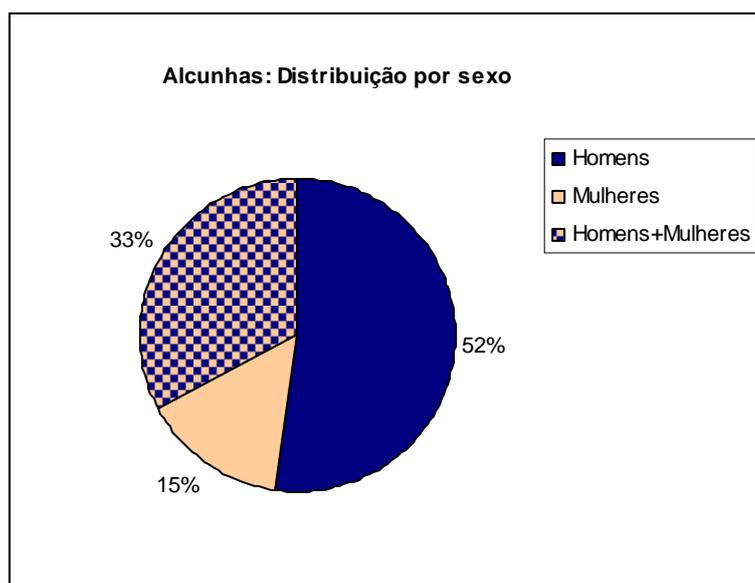
Apenas em parte isto será verdade. A coincidência de apelidos não é menor em aglomerados mais numerosos. Por outro lado, numa família com o mesmo apelido, os indivíduos podem distinguir-se através de um único nome próprio anteposto, como acontece habitualmente.

A alcunha é muito mais do que um simples mecanismo para possibilitar a referência. A alcunha é o nome do outro quando dialogam o eu e o tu. É o terceiro, a não-pessoa da interacção linguística, por princípio ausente da cumplicidade que a relação eu-tu impõe. O referir o outro depreciativamente faz colocar explicitamente o tu (e o eu) num plano de superioridade social, o que cria laços de empatia e reforça o prazer da interacção linguística. A alcunha, só por si, é a primeira parte de uma conversa normal, das conversas que cimentam os laços sociais das pequenas comunidades, da conversa de soalheiro, das conversas do dar-à-língua. Se estas conversas são, na maior parte das vezes, ocasiões para a crítica, para o dizer mal, o uso da alcunha é uma espécie de intróito adequado para os assuntos a versar.

E por isso não ser de estranhar a quantidade significativa de “palavras feias”, como se apelidam os termos de calão com referências sexuais ou escatológicas: “Caga Milhões”, “Caga no Balde”, “Cagalhota”, “Caga-ninhos”, “Cagão”, “Caga-rente”, “Conas”, “Conicha”, “Mijadinhos”, “Mijão”, “Mijonas”, “Parrecos”, “Parrequeira”, “Pirocas”, “Piroco”, “Pissinhas” e outras mais ou menos explícitas.

Por que razão as alcunhas são prioritariamente atribuídas aos homens, passando posteriormente para toda a família, mulher e filhos? Nas cerca de 20.000 alcunhas recolhidas no Alentejo (Ramos & Silva 2002:43) a esmagadora maioria (88,8%) são atribuídas a homens e apenas uma pequena parte (7,6%) a mulheres.

Nestes inquéritos, a tendência é idêntica, se bem que não com os mesmos números. Note-se que, no entanto, apenas 15% das alcunhas são relativas exclusivamente a mulheres. E recorde-se que há mais alcunhas, aplicadas a mulheres, herdadas dos homens do que o inverso.



Que razões estarão por trás desta desigualdade? Porque é que as alcunhas não agarram tão bem nas mulheres? Para ir ao encontro dos lugares-comuns, revela esta desigualdade uma outra resultante da maior visibilidade social que tradicionalmente o homem tinha? Ou indicará que são as mulheres que comandam o processo da alcunha e por isso baptizam mais os homens do que se baptizam a elas mesmas?

3. A função de castigo social

Não se veja o mal-dizer social, tão típico das comunidades rurais e pequenas, apenas como uma pura maldade perfeitamente desnecessária. Ele era (é) o exercício do direito que a comunidade concebe como seu de criticar/reprovar os maus comportamentos como forma de assegurar o respeito às regras comunitárias (sociais, morais) que todos na sua perspectiva devem respeitar. A maledicência das pequenas comunidades era (é) um poderoso mecanismo de coacção social visando impedir comportamentos condenáveis. Por isso, o sucesso deste tipo de interacção linguística, a sua universalidade e o facto de ser aceite pela comunidade através da “sabedoria dos antigos” que os provérbios asseguram: “Quando o povo fala, a coisa ou foi ou está para ser”; “Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele”; “Voz do povo é voz de Deus”.

Esta coacção social, que visa reprovar e portanto eliminar ou restringir comportamentos desviantes das normas da comunidade, verifica-se, por exemplo, nas frequentes alcunhas de “Bêbado”. Embora nas comunidades rurais do Minho o acto do beber álcool seja perfeitamente aceite e até tido como um sinal de virilidade, o beber demais e mostrá-lo socialmente é um comportamento reprovável que infringe o aceitável para a comunidade. Do mesmo modo a não lisura de processos na actividade comercial

(“Cigano”), o rompimento das normas morais do casamento (“Cornuda Feliz”, “Cornélia”) ou a alcoviteirice e intromissão demasiada (“Pide”) são motivos de reprovação que a alcunha cristaliza.

Não se pense, no entanto, que esta vigilância social se destina a moralizar a comunidade. O que se reprova ou incentiva não é do domínio da moralidade, mas da tradição que o grupo tem por benéfica, ainda que esta não coincida com aquela. Por mais amigo da esposa e dos filhos que um marido seja, a sua dedicação à família pode ser vista como uma quebra dos costumes se ele violar o princípio da distribuição rígida de papéis sociais por sexos nas tarefas da família: “Conas” é alcunha nada meiga para a virilidade de um homem, e o motivo apresentado não deixa lugar ao porquê (“fazia o trabalho de uma mulher”).

4. A crueldade nas alcunhas

“A alcunha é um signo que capta, em geral, aspectos essenciais do indivíduo que pretende retratar. Por outras palavras, o discurso da alcunha é um discurso de rigor” (Ramos 2002:11)

A idealização e mitificação que tudo o que seja rural tem para muita gente leva, por vezes, a identificar os costumes do mundo da ruralidade com a simplicidade, a inocência e a bondade, “ausência de mal”. Neste âmbito, as alcunhas serão sempre formas certas, rigorosas de retratar um indivíduo, como refere a última citação.

Só por muita distração é que se pode dizer uma coisa destas. As alcunhas são tudo menos rigorosas. A sua finalidade não é captar os “aspectos essenciais do indivíduo que pretende retratar”. Até porque a alcunha não pretende retratar, mas apontar. O retrato, para ser um retrato, tem que ter os traços essenciais do retratado. Não é isto que a alcunha faz. O que lhe interessa é marcar o alcunhado com um sinal que permita uma identificação fácil. Se quisermos usar a terminologia do “essencial” e do “acidental”, a alcunha procura o pormenor marcante, o acidental e não a essência: ou seja, um acidental marcante, referencialmente saliente. Ser “Coxo” é o *essencial* de um ser humano? E ser “Gago”? Será “Barbas”, “Careca” ou “Bigodes” a essência de alguém?

As alcunhas são construídas, frequentemente, através da referência a pormenores físicos ou comportamentais de uma forma, por vezes, bastante cruel. “Manco”, “Coxo”, “Gago”, “Baixinho”, “Baleia”, “Batata (nariz)”, “Beiças” e tantas outras baseiam-se apenas em pormenores acidentais, muitas vezes de índole física. Ou então, recorrem a aspectos de

atribuição e caracterização psico-social marcadamente pejorativos e reveladores de desprezo social: “Conas”, “Cornuda Feliz”, “Tolo”, “Burra”, “Cagão”.

Esta crueldade pode aparecer disfarçada em ironia (o que nem sempre é menos cruel) por referencialidade oposta. O “Pestanas” é um indivíduo que não as tem; mas se as possuir em tamanho que ultrapassa a norma é o “Pestaninhas”, com o diminutivo, por antítese, a sublinhar a característica saliente.

E mesmo quando a marca saliente é muito positiva (a riqueza, por exemplo), a alcunha vai muitas vezes buscar um pormenor que possa puxar para baixo o prestígio:

“Caga milhões- Veio das minas de diamantes e roubava-os, engolindo-os e recuperava-os quando fazia as suas necessidades pessoais”

5. Pormenores metonímicos e relevância cognitiva

Como se verifica sem grande dificuldade, a função prioritária da alcunha não é o retrato, o captar o essencial de um indivíduo, mas apreender um pormenor que permita uma identificação rápida, uma característica que se revele como particularmente identificativa de alguém, ou seja, um pormenor cognitivamente relevante. Por isso, mais do que um retrato, a alcunha baseia-se no princípio da caricatura: não é a fidelidade ao todo que interessa, mas o fazer ressaltar, mesmo com exagero, uma ou outra característica que irá representar/referir a totalidade.

Numa dimensão psicolinguística, parece ganhar força a ideia de que o processamento da informação difere não em função de literal-figurado, mas em função de saliente-não saliente (Giora 1997). Ou seja, a informação tradicionalmente dita figurada (metáfora/metonímia) não é processada sobre a literal (e por conseguinte depois dela), mas pode ser processada directamente sem envolver o processamento da etapa literal, desde que essa mesma informação “figurada” seja cognitivamente saliente.

As alcunhas parecem ser uma confirmação deste processo, na medida em que são os processos metafóricos e metonímicos (tradicionalmente identificados como “figuras” da linguagem não-literal) os que enformam a maior parte dos casos. O grande poder cognitivo destes dois fenómenos conceptuais (Silva 2003) é particularmente verificável na pertinência com que as alcunhas, através deles, não só refererem/identificam como (até certo ponto) descrevem. Daí a ilusão de que retratam o essencial: atingem é aquilo que é saliente. Só que, cognitivamente, o mais saliente nem sempre é o essencial.

Evidenciam-se dois tipos de particularidades para a atribuição da alcunha de base metonímica: físicas e comportamentais. Aquelas terão que ser, por norma, permanentes, já que referem uma particularidade cognitivamente saliente e constante: a alcunha “Barbas”

só faz sentido se o alcunhado as usa habitualmente e não se apenas por uma vez deixou a barba crescer. O mesmo para “Coxo”, “Narizinho”, “Manco”, “Malota”, “Preto”, “Fininho” e outras de índole física.

Diferem as metonímias de base comportamental: também podem assentar em particularidades tidas como permanentes (“Mudo”, “Cabeça-de-vento”, “Gago”, “Pide”, “Poeta” e todas as profissionais), mas em muitos casos alicerçam-se em acontecimentos pontuais que funcionam como marcas de referência identificativa:

ALCUNHA	MOTIVAÇÃO
28	Apostou comer 28 sardinhas, e conseguiu. Um vizinho deu boleia a um agente da GNR conhecido. O agente multou-o por lhe ter dado boleia sem o capacete obrigatório. A multa na altura era de 600
600	escudos.
1007	Falava mal quando era miúdo : um dia perguntaram-lhe “onde está a tua mãe e o teu pai?” Ele respondeu : “Está a 1007 (dormir a sesta) com a minha mãe”.
50 sardinhas	Comeu 50 sardinhas numa aposta.
Calcinhas	Roubaram-lhe as calças e ele chorou porque ficou sem calcinhas.
Fiambre	Pediu uma “tosta – mista sem fiambre”
Miss Prenha	Por ter ganho um concurso de beleza numa discoteca (“Penha Club”) quando estava grávida
Papa-orelhas	Num café houve uma briga entre duas pessoas e arrancou-lhe com os dentes a metade da orelha.
Rodas	O bisavô andava na tropa e quando regressou perguntaram lhe o que fazia na tropa? Ele respondeu que andava as voltas (rodinhas).

Como se comprova, longe de serem as características “essenciais” aquelas que enformam as alcunhas, são, antes, todas as que possuem o princípio de relevância em grau elevado. Mesmo que o (cognitivamente) relevante seja apenas um pormenor histórico, pontual, pode ser o suficiente para gerar uma marca identificadora que a alcunha acarreta. E como a alcunha se pode transmitir hereditariamente, nem sequer é necessário que o facto que lhe deu origem seja relativo ao alcunhado, como frequentemente se verifica (ver “Rodas”, no último quadro).

O sucesso da alcunha está precisamente no facto de, não sendo globalizante, destacar apenas um pormenor que, por ser marcante cognitivamente, vai funcionar como índice de reconhecimento. Daí que o processo de alcunhar seja essencialmente um processo metonímico, muito mais do que metafórico – partindo da assumpção que os dois são suficientemente distintos.

Quando se fala em “pormenor metonímico” pretende-se indicar o facto de, na maior parte das vezes, este processo de referência se basear numa única particularidade. No entanto, em certos casos, ele pode ser mais complexo, combinando-se com outras modalidades referenciais, formando verdadeiros testemunhos de concisão e adequação referencial. Veja-se o caso de “Cacaralho”, com a justificação “Gaguejava quando se

enervava”. Cruel, mas engraçada a forma da alcunha. É de um realismo impiedoso, porque faz a amálgama, numa única palavra, do defeito físico e do mau(?) hábito der dizer “palavrões”³.

O rendimento da metáfora, evidentemente verificável, é bastante menor. A metáfora implica um processamento cognitivo mais complexo que a referencialidade metonímica aqui (nas alcunhas) verificada e por isso, para o uso referencial, são privilegiadas metáforas de protótipo⁴, tão directas como as metonímias. Isto é, a particularidade que se pretende referir não é indicada directamente, mas um exemplar muito prototípico que, por assim o ser, possui a característica no mais alto grau:

Baleia < Gorda	Batata < Nariz grande
Rato < Muito activo	Tomate < Corado/a em excesso
Burro < Estúpido, teimoso	Cenoura < Cabelo ruivo
Porca < Pouco asseada	Carvalha < Alta
Pisco < Pequeno	Estaca < Alto e magro

Em síntese, poder-se-iam apontar as principais diferenças entre o funcionamento social do nome e das alcunhas:

NOME	ALCUNHA
Atribuição intra-familiar	Atribuída pela comunidade
Forma de tratamento ⁵	Forma de referência
Imposto pelo indivíduo à comunidade	Imposta pela comunidade ao indivíduo
Significado não transparente	Significado transparente (na origem)
Finalidade de revelar a essência de uma tradição familiar em que se insere	Finalidade de revelar um pormenor relevante do indivíduo que a possui
Ligado à escrita e oralidade	Ligada à oralidade

6. Alcnhas recolhidas e contexto deste trabalho

A recolha das alcunhas que aqui aparecem foi feita em colaboração com os alunos da disciplina de Linguística Descritiva II do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas da Universidade do Minho, no ano lectivo de 2005/2006. Abrange essencialmente a zona do Minho, mais uma freguesia do Fundão (Distrito de Castelo Branco) e duas de S. João da Pesqueira (distrito de Viseu). Os concelhos (e principais freguesias) da recolha foram:

- Amares (Caldelas, Fiscal, Caires, Ferreiros)

³ Tem, no entanto, que se contextualizar este aspecto, já que na tradicional convivialidade do norte de Portugal este palavrão é perfeitamente aceitável e normal dentro de certas contextualizações conversacionais.

⁴ Por “metáfora de protótipo” pretendo indicar um processo referencial muito típico das alcunhas que consiste em tomar um elemento como protótipo, no sentido de melhor elemento exemplificador, de uma categoria: a baleia é tido como o melhor exemplo da volumetria corporal, daí “ser gordo como uma baleia”, ser “uma baleia”, “a Maria Baleia”.

⁵ Pretendo referir o facto de o nome próprio ser uma forma de identificação social, a designação oficial de alguém, uma das formas sociais de “tratar” alguém.

- Barcelos (Arcozelo)
- Braga (Ferreiros, Adaúfe, S. Vítor)
- Esposende (Gandra, Antas, Belinho)
- Famalicão (Pedome, Bairro, Lemenhe)
- Felgueiras (Vila Fria, Margaride)
- Fundão (S. Martinho)
- Guimarães (Taipas, Mascotelos, Vila Nova de Sande)
- Mondim de Basto (Pedra Vedra)
- Paços de Ferreira
- Paredes
- Ponte de Lima (Corrilhã)
- Póvoa de Lanhoso (Vilela, Friande)
- S. João da Pesqueira (Paredes da Beira, Trevões)
- Santo Tirso
- Trofa (S. Martinho do Bougado)
- Valença (Cristelo Covo)

Não se identifica, aqui, cada alcunha com a respectiva freguesia de origem dado que, para muitas pessoas, a alcunha quando socialmente exposta possui um alto grau de negatividade. Ora, com cada alcunha inserida na respectiva freguesia, era possível e fácil identificar os alcunhados.

Na primeira coluna aparece a unidade lexical que serve de alcunha; na coluna seguinte se a alcunha foi identificada como aplicando-se apenas ao masculino (M), ao feminino (F) ou aos dois (MF). À direita, apresentam-se as motivações que, embora não pedidas, os inquiridos quiseram apresentar:

Apelido	Gn	Motivação
21	M	
21	M	
24	M	
25	M	
25	M	
27	M	
28	M	Apostou comer 28 sardinhas, e conseguiu.
80	M	Por ser gordo
300	M	
600	MF	Um vizinho deu boleia a um agente da GNR conhecido. O agente multou-o por lhe ter dado boleia sem o capacete obrigatório. A multa na altura era de 600 escudos.
1007	M	Falava mal quando era miúdo : um dia perguntaram-lhe “onde está a tua mãe e o teu pai?” Ele respondeu : “Está a 1007 (dormir a sesta) com a minha mãe”.
50 sardinhas	M	Comeu 50 sardinhas numa aposta.
Abada	M	
Abanadores	M	
Abóboras	MF	
Abril (Rui)	M	
Alhos	MF	
Alinhavas	M	Porque era alfaiate (alinhavar).
Alto	MF	
Anta	MF	
Ar condicionado	F	
Araminhos	MF	
Arreia	MF	
Asseados	MF	

Avé	M	Cantava nas missas com entusiasmo.
Aviona/Avião	MF	
Azêdos	MF	
Azeiteiro	MF	
Azeitonas	MF	
Babado	M	Não pode ver uma mulher bonita, fica logo “babado”.
Bacalhau (Adelino)	M	
Bacamarte	MF	
Bacano (Nandinho)	M	
Bacorinho	MF	
Badego	M	Face e nariz a lembrar um pardal.
Baixinho	M	É um homem muito pequeno.
Baixinho	M	
Baixinho (Filipe)	M	
Balalaica	F	Pela expressão “Vai lá Laika” (cadela russa que foi para o Espaço)
Baleia	F	
Baleia	MF	
Banana	M	
Banana (Pedro)	M	Engordou de repente.
Barbas	M	Porque deixava crescer a barba e a usava muito comprida.
Barbas	M	Usa a barba grande.
Barbeira	MF	
Barbeiro	M	É o barbeiro da aldeia.
Barbeiro	MF	
Barbicha	M	
Barcelas	MF	
Barraca	M	
Barraca (Henrique)	M	
Barracas	MF	
Barracoa	F	Marido possuía um grande barracão (anos 30/50) para guardar encomendas que recebia pelo comboio.
Barranhos	MF	
Barranhos	MF	
Barrigas	MF	Por ser muito gordo
Basbaia	MF	
Batata	M	Quando bebe demais fica com o nariz vermelho
Batata	MF	
Batata (Maria)	F	
Batata rambana	M	Tem um nariz grande e defeituoso.
Batatas	MF	
Batatas	MF	
Batatas	MF	
Batatinha	M	Por ser uma pessoa inocente.
Batatoon	M	Comparavam-no com o palhaço.
Bean	M	
Bêbado	M	Bebe sempre um pouco demais
Bêbedo (Zé)	M	
Beiças	MF	Pessoas com os lábios muito grandes.
Beltreiro	M	
Bengaleiro	M	Não quer trabalhar.
Berga	M	
Bicha	F	Por ser feia
Bicha (Zé)	M	
Bichata	M	
Bichinha	MF	
Bico de pato	F	Adora bicos de pato

Bife (Miguel)	M	
Bigodes	MF	
Bigodes (David)	M	
Bilhas	M	
Bina (João da)	M	
Binómio	M	
Biscas	MF	
Bispos	MF	O avô relacionava-se bem com um bispo.
Bispos	MF	
Bisqueleta (Maria)	F	
Bixoilos	MF	
Boazinha	F	Pessoa muito amável, e sempre pronta a ajudar as pessoas.
Bugalho	M	
Boina branca	M	Porque andava sempre com a mesma boina (suja ou lavada) em todas as épocas do ano.
Bola	M	
Bola	M	
Bolinhas	M	Por ser gordo
Bollycao	M	
Bom ladrão	M	Homem que trabalha numa loja e se engana nas contas em seu favor.
Bomba	F	
Bombas	M	
Bombeiro/a	MF	
Bombo (Rosa do)	F	
Boniéque	MF	
Bons dias	MF	
Borras	MF	
Bota-o-boi	MF	
Bota-o-porco	MF	
Botija	M	
Bouças	M	
Brasileiro	M	
Bravo	M	
Brazabu	M	(Belzebu) Homem introvertido e pouco afável.
Bregasta	M	
Brilhas	MF	
Broas	F	
Bruxa	F	Mulher que roga pragas aos outros.
Buraquinho	MF	
Buraquinho(a)	MF	Num buraco pariu uma cadela e a seguir perguntaram-lhe de que cor eram os cãesinhos. Ele respondeu:” se quiseres ver anda ver pelo buraquinho”.
Burra (Laida)	F	Coeficiente de inteligência muito baixo
Burriquita	F	Andava sempre de burro, até para o café ia de burro.
Cabaça	F	
Cabana	MF	
Cabeça de porco	M	
Cabeça Grande	M	Quando era pequeno caiu da cama abaixo e ficou com um papo na cabeça.
Cabeça negra	F	
Cabeça-de-vento	MF	
Cabeças	MF	Proveniente de Cabeças
Cabreiros	MF	O avô olhava por cabras no monte.
Cabrita	MF	Fala muito alto
Cabriteiro	MF	
Cação	MF	
Caçapo (a)	MF	Coelho pequeno e do monte. Se aplicava aqueles cujo apelido era Coelho.
Cacarlho	M	Gaguejava quando se enervava.

Cachuço(a)	MF	
Cacoiros	MF	
Cadeiras	MF	
Cães (Chico dos)	MF	
Caga milhões	M	Veio das minas de diamantes e roubava-os, engolindo-os e recuperava-os quando fazia as suas necessidades pessoais.
Caga no balde	M	A casa de banho estava ocupada e então ele veio para a rua e fez num balde.
Cagalhota	F	No seu quintal, junto a uma retrete, as fezes proliferavam.
Caganato	M	
Caga-ninhos	MF	
Cagão	M	Tem medo de tudo
Caga-rente	M	Por ser baixo
Caixotas	MF	
Caladas	M	
Caladas	MF	
Calceteiro (Tiago)	M	
Calcinhas	M	Roubaram-lhe as calças e ele chorou porque ficou sem calcinhas.
Caldeira	M	
Caldinho de arroz	F	
Calhau (Pedro)	M	
Calhorda	M	
Calhordas	M	Vem do nome Carlos.
Caloteiros	MF	
Camacho	M	
Camaco	M	
Cambalhotas	M	Teve um acidente de mota e fez cambalhotas no ar.
Camões	M	
Camões	M	
Camões	MF	
Campainha	F	
Campanera	F	Andava sempre a cantar uma canção espanhola “Campera”
Campinho (Zeca)	M	
Canadeiras	F	
Canadeiros	M	
Canário	M	
Canário	M	
Cancelas	F	Trabalhadora rural que deixava todas as cancelas abertas por onde passava.
Cancelas	F	
Cangalho	MF	
Canhota	F	
Canhoto	M	Trabalhava só com a mão esquerda.
Caniche	M	Tem o cabelo muito encaracolado
Caniço	MF	
Caniços	MF	
Caniços	MF	
Canino	M	
Canzeador	M	
Cão da praça	M	Não sai da praça, não trabalha.
Cão de água	M	
Cão vadio	M	Gosta muito de farras, sempre a passear.
Capador	M	
Capador	M	
Capitão	M	
Capuchos	MF	
Caquinha	M	Não tinha casa de banho e fazia nos cantos das ruas.
Cara-linda	F	

Careca (Lurdes)	F	
Careca (Zé)	M	
Careca (Zé)	MF	
Carecas	MF	
Careco	MF	
Carioca	M	
Carneiro	M	
Carolos	MF	
Carrancas	M	Anda sempre a tirar as carrapetas do nariz.
Carrapitas	MF	Andam sempre a cantar a música da carrapita.
Carrapoto	MF	
Carreta (Eduardo)	M	
Carriça	MF	
Carriço	MF	
Carriços	M	Família muito ligada aos cavalos
Cartola	F	
Cartola	M	
Carvalhinhas	MF	
Casa Nova (Tone)	M	Mudou-se para uma casa nova.
Cascalheiros	MF	
Caseiro	M	Não gosta de sair de casa
Caseiro	M	
Caseiro	M	
Casota	M	
Cat	F	
Catapunga	M	
Catella	MF	
Catorze	M	
Catorze	MF	
Cavalo Branco	F	Cabelo branco e longo
Cavalos (Armando dos)	M	Tinha muitos cavalos.
Cavaquinhos	MF	
CDS	M	Nas eleições revestia as paredes com panfletos do CDS.
Cebola	M	
Celeiros	MF	
Cenoura	M	Por ser ruivo
Cenoura	F	Mulher ruiva.
Cerejinhas	F	
Cerqueira	MF	Proveniente da Cerqueira
Cesteiro (Manuel)	M	
Cesteiros	MF	
Chabeco	M	Fala muito.
Chalé	F	
Chancadas	M	
Chanfrado (Manuel)	M	
Chãocharro	MF	
Chapados	MF	
Charreta	F	Por ter uma carroça
Chascos	MF	
Chepa	F	Novela cuja actriz se chamava chepa (coxeava) e como a pessoa mancava chamaram-na chepa.
Chias	MF	
Chicha	M	
Chila (Tia Rosa)	F	
China	M	Por causa dos olhos

China	M	Tem os olhos em bico
Chôco	M	
Chocolate	M	
Chora	MF	
Chouriço	M	Pela publicidade “Qualquer chouriço tem um Jeep”
Chumbo (Tone)	M	Tinha um dente de chumbo
Chupa	M	
Cigano	M	Homem que faz negócios ilícitos.
Cigano	M	Por ser um homem perigoso
Cigano	M	
Cinco Coroas	M	Pelo uso da expressão “cinco coroas”, quando pretendia comprar qualquer produto
Cinco Reis	M	
Cinzeira	F	A mãe andava sempre a aproveitar as cinzas.
Clarinhas	M	
Cleópatra	F	
Coco	M	Vinha numa aldeia cujos habitantes são assim nomeados.
Cocoloto	M	
Coelha (Rosa)	F	Vende coelhos na feira.
Coelhinha	F	
Coelho	M	Pelos dentes
Coelho	M	Tem por hobby ir à caça
Coelho	M	
Coelhos	MF	
Coleiros	MF	
Colorito	MF	
Comboio dos palhais	M	Tem um cavalo com uma carroça e dava boleia às pessoas.
Comediantes	MF	Eram acrobatas.
Conas	M	Porque fazia o trabalho de uma mulher em casa.
Conicha	F	
Copo de leite	M	
Cornélia	F	Traição conjugal
Cornuda feliz	F	
Corredoura	MF	
Correio (Toninho)	M	Durante muitos distribuiu o correio na aldeia.
Corriola	M	Negociava em videiras.
Corta	M	
Costelas	MF	
Cotão/ona	MF	
Côtas	MF	
Cotinho (Manuel)	M	
Cotovia	F	Tinha os olhos como as cotovias (ave).
Coveiro (Zé)	M	
Coxas	MF	
Coxo (Zé)	M	
Crêspas	MF	
Cuco	MF	
Curil	M	
D'Além	MF	
Dez pás duas	M	Aparência física
Dezanove	M	
Doninhas	M	
Duda	M	
Egas	M	Personagem da Rua Sésamo (aparência física – orelhas)
Enforcado	M	Afirmou que quando ia casar ia enforcar-se.
Entruida	MF	

Ervilhas	MF	Por comprar sempre ervilhas
Escadote	F	Era muito alta.
Escadotes	MF	
Escola	MF	Por viver na mesma rua da Escola
Escondidinho (Manel do)	M	Por ter um café que fica num sítio escondido.
Esgota pipas	M	Bebe muito.
Espanta diabos	M	Porque é um homem muito feio.
Espertinho	M	Indivíduo considerado idiota
Espiga (Zé)	M	
Espingardeira	F	
Espinha (Tiago)	M	
Esponja	M	Dois significados : pessoa que bebe muitas bebidas alcoolizadas e com o efeito do álcool chora.
Espuma	F	
Esquilo	M	
Estacas	F	São altas e magrinhas.
Esticadinho	M	Esmerado no vestir e no falar; presumido.
Estreitos	MF	
Estripa-Gatos	MF	
Explorador do povo	M	Tem um mercado na aldeia e vende tudo muito caro.
Facas	M	Tinha uma loja de cutelarias.
Faísca	M	Pessoa muito resmunguenta e impulsiva.
Falcão	MF	Trabalhava numa Estação de Serviço que se chamava “Falcão”
Fanecas	MF	
Fangueiro	MF	
Fanhas	MF	
Faquir	M	
Farapo velho	F	Apertava as saias com um farrapo velho.
Farinheira	F	
Farinheiro	MF	
Faroca	MF	
Farófia	MF	
Farolas	MF	
Farrapeiro	M	
Farrapo	M	
Farsola	M	
Fazarroz	F	
Febra (Nuno)	M	
Feijão branco	MF	
Feijão Pequeno	M	
Fentelhuda	F	
Ferrador	M	Adaptava ferraduras aos cascos dos cavalos.
Ferreirinho (Jorge)	M	
Ferreiro (Zé)	M	
Ferrugens	M	Porque são ferreiros.
Fevereiro	M	
Fiambre	M	Pedi uma “tosta – mista sem fiambre”
Figo preta	M	Tem a tonalidade de pele muito escura.
Fina Palita	F	Era muito magra.
Fininha	F	Por ter umas pernas muito finas.
Fininho	M	Alto e magro
Firotoça	M	
Fiscal	M	Homem idoso que não trabalha e tem por hábito de vigiar as entradas e saídas dos vizinhos.
Fofa	MF	Por ter uma perna mais curta que a outra

Fofas	MF	
Fofinha	F	
Fofinha (Rosa)	F	Por ter as bochechas rechonchudas.
Fogueiro (Mário)	M	
Foguetes	MF	
Foles	F	
Folhas	M	
Fontaínhas	MF	
Formiga	MF	
Formigas	MF	Passam a vida a trabalhar. Gente trabalhadora.
Formigas	MF	
Foufeiras	MF	
Francês	M	Emigrante em França.
Francesa	MF	
Franceses	MF	
Franga	M	
Franga preta	F	
Frango	M	Sofre muitos golos à baliza
Fraqueza	M	Tinha um aspecto doentio e fraco.
Fraquezas	F	
Frutezinhos	MF	Hereditariedade
Fuínhas	MF	
Fundo-de-vila	MF	Proveniente do Fundo-de-vila
Fura	MF	
Fura Bugalhos	M	Criava objectos através da manipulação de bolotas
Fura-moutas	M	
Furas	M	
Furtivo	M	
Fusível	M	É electricista.
Gadelha	F	
Gadil	M	
Gagareilha (Isabel)	F	Porque ela gaguejava.
Gago (Martinho)	M	
Gaias	MF	Conhecidos por ter gaios.
Galano	M	Nome que lhe foi atribuído pelas prostitutas do Porto.
Galegos	MF	Família muito pobre e com muitos filhos, e o pai para sobreviver e sustentar a família trabalha “como um galego”.
Galegos	MF	Nacionalidade
Galinha	M	
Galinha (Zé)	M	Por ser magro
Galinheiros	MF	
Galinholas	M	Andava sempre aos ninhos.
Gamelas	MF	Andavam sempre com gamelas
Gamelas	MF	
Gamenho	MF	
Gancho	MF	
Garrafão	M	Andava sempre com ele
Garrafões	MF	
Gasolina	M	Trabalhava nas bombas de gasolina
Gasolinas	M	Bebeu gasolina
Gata	F	
Gato	MF	
Gatos	MF	
Gatos	MF	
Gel	M	
Gemas	M	

GI Joe	M	
Gigolo	M	Tem muitas namoradas
Girós	MF	
Gita	M	Jogador futebol local que se esgueirava facilmente à acção de defesa da equipa adversária.
Godzilla	M	
Grafonola	M	
Granadas	M	
Grande (Manuel)	M	
Gravatinhas	M	Por andar sempre de gravata
Grileiro	MF	
Grilo	M	Quando era pequeno caçava grilos.
Grilo Zé/Maria)	MF	Vem dos antepassados que se chamavam Grilo
Grilos	MF	
Guerra	MF	Arma desacates.
Guerra	MF	
Guerra	M	
Guicho (Rui)	M	
Guitarra (Zé)	M	Pessoa que toca guitarra.
Guito	M	
Helena	MF	
Hooligan	M	
Horta (António da)	M	Cuidava da horta.
INEM	MF	
Inverno	M	Não tem frio durante o inverno, usa sempre apenas duas peças de roupa.
Inverno	MF	
Isca (Lurdes)	F	
Iva	F	
Jagunzo	M	
Japão	M	Pessoa que tem os olhos pequenos e bicudos.
Jardel	M	Por jogar muito bem futebol
Jeca (Piedade)	F	Avô bebia muita cerveja (“bejecas”)
Jeiras	M	
Jeiras	M	
Jeremécas	M	
Jet	M	Pratica uma modalidade de “karaté” com esse nome
Judas	M	
King	M	
Kiwi	M	Gostava muito de kiwis
Koala	M	A sua cara faz lembrar esse animal
Labaredas	M	
Lagosta	M	
Lambada	M	Homem que fez uma viagem França/Portugal sempre a ouvir a “Lambada”.
Lambadas	M	
Lambão	M	Pessoa que come muito.
Lambão (Pedro)	M	
Lampião	M	Fuma muito.
Landaínhas	MF	Vestiam-se muito mal.
Lapato	M	
Laranjeira (Amadeu)	M	
Laranjinha	MF	Tinha a cabeça muito redondinha, parecia uma laranja.
Laranjos	MF	
Laronha (Chica)	F	
Latoeira	F	O pai era latoeiro.
Laus	MF	
Lavrador (Tone)	M	

Leão	M	
Lebre	MF	
Leite	F	
Leiteira	F	
Leiteiro (a)	MF	Faz colheitas de leite.
Leites	M	Tinha sorte a jogar futebol, ficava sempre com a bola (chamava-se uma leitada = sorte).
Leitona	F	
Licas	M	
Lila	M	
Lisa-Pó	F	
Lobisomem	M	Andava de noite a percorrer as ruas e fazia muito barulho.
Lobos	MF	
Loira	F	
Louceiro (João)	MF	
Luzinhas	M	Tinha umas sapatilhas que tinham luzes
Macedinhas	MF	
Machadinhas	F	
Macieira	M	
Macieiras	F	
Maçôta	F	Era pequenina.
Madeira	M	Proveniente da Madeira
Maduros	M	
Maganórios	MF	
Maiato	MF	Proveniente da Maia
Malas	MF	
Malhão	M	Gostava muito de dançar.
Malhasol	M	Roubou uma rede que era o malhasol (isolante).
Malhona	F	Toda a sua família dança o malhão
Malota	M	
Malotinha	M	
Mama	M	
Mama	MF	
Manca-mulas	M	
Manco (Zé)	M	Manca, tem uma perna mais curta do que outra.
Mangueiras	M	Porque roubou uma mangueira.
Mania do rabo das saias	F	
Manquinhos	MF	
Mão-de-Pau	MF	
Maquias	MF	O comércio deles era a maquia (trocar produto por produto) uma quantidade qualquer pelo serviço que cobravam.
Maranhos	MF	
Marinheiro	M	
Mariquinhas	M	
Marlon	M	
Marreco (Raul)	M	Por ser baixo
Marujos	MF	
Mascotelos	MF	Proveniente de Mascotelos
Massa	MF	
Massado	M	Caminha muito devagar.
Mata-chicos	M	
Mata-gatos	MF	
Matateu	F	Muito morena e por exagero comparada ao antigo jogador Matateu.
Matateu	M	Chama-se Mateus.
Mato (Chico)	M	

Mau Governo	M	Pessoa que gasta muito dinheiro e não se sabe governar.
Mawet	M	
Máximo	M	
Meadeiros	MF	
Melros	MF	
Melros	MF	
Menina	M	Filho da mamã, muito mimado e queixinhas.
Meninas	M	
Menino Jesus	M	
Mentiroso	M	Porque era mentiroso
Mentiroso (Zé)	M	
Merda (Zé)	M	Tem pouca sorte.
Mesinha	M	
Metro e meio	F	
Mexe-mexe	M	Não pára quieto, mexe em tudo.
Mi bemol	M	Tal como a nota musical, é muito esquisito
Miano	MF	
Micas	F	
Micau/aua	MF	
Migas	M	
Migas	MF	
Miguel	MF	
Mijadinhos	MF	
Mijão	M	Tinha incontinência urinária mesmo em adulto.
Mijonas	F	
Milhões	MF	
Milhos (Zé)	M	Comia os milhos ao desafio com os irmãos
Mim	M	
Mineiro	M	Trabalhou muitos anos nas minas.
Mineiro	M	Porque trabalhou numa mina.
Minhoca	M	Pela forma da cara
Miras	MF	
Miss Piggy	F	
Miss Prenha	F	Por ter ganho um concurso de beleza numa discoteca (“Penha Club”) quando estava grávida
Missas	MF	
Missé	M	Alcunha de infância
Missionária	F	Frequentava muito a igreja e vendia pagelas de santos.
Mister Bean	M	
Mix	M	
Mochos	MF	É uma família que tem olhos grandes e esbugalhados como os mochos.
Mochos	MF	
Moinho (Zé)	M	
Molas	M	
Moleiro	M	O pai trabalhava numa moagem.
Moleiro	MF	
Monca	M	
Monte (Joana do)	F	Mora no monte
Moqueiro(s)	MF	São homens fortes e com físico agressivo.
Morenos (as)	MF	Tem o tom de pele moreno.
Morre ao sol	M	
Morre-ao-Sol	M	Preguiçoso.
Morto	M	
Mosca	M	
Mota (Paulo)	M	Por ter uma mota.
Mota (Paulo)	M	

Motas	MF	
Mouche	M	Pessoa que gosta do ambiente nocturno.
Mouco	M	Pessoa que ouve mal.
Mouco	MF	
Mouco (António)	M	
Mouranos	MF	
Mourico	M	
Moutelas	MF	
Mr Bean	M	Está sempre a fazer rir os outros e a rir-se.
Mr. Muscle	M	
Muda	F	Não fala.
Mudinho (André)	M	
Mula	F	Pessoa teimosa.
Mula	M	
Nabiça	F	
Nabiças	F	
Narizinho	F	
Neca	M	
Negão	M	
Nero	M	
Netos	MF	
Nevoeira	MF	
Ninja (Zé)	M	
Nites	M	
Noites	MF	Só andavam de noite.
Olho branco	MF	Tinha os olhos praticamente brancos
Olhos de boi	M	Homem que está sempre a olhar para as mulheres.
Pacheco	M	O bisavô do inquirido tinha este apelido
Pacheco	MF	
Pachota	M	
Padeira	F	
Padeira	F	
Pai dos pobres	MF	
Pai tio	M	Arranjou um filho com uma cunhada.
Paizinho	M	Pessoa muito amiga que gosta de ajudar e dar bons conselhos.
Palata	M	
Paloios	M	
Paloios	MF	
Pancha	F	Tinha um atraso mental e um andar desconchavado.
Pantera	M	
Papagaio	MF	
Papaias	MF	
Papa-ratos	MF	
Papas	MF	
Papa-orelhas	M	Num café houve uma briga entre duas pessoas e arrancou-lhe com os dentes a metade da orelha.
Parauta	MF	
Parauta	MF	
Pardelho	MF	
Parrecos	M	
Parrequeira	F	
Passadiço (Tónio)	M	
Passareca	F	
Passarinho	M	Pessoa que canta quando caminha.
Passarinhos	MF	
Pastor	M	É muito preguiçoso

Pastor	MF	
Pata azul	M	
Pata de cão	M	Tem o pé muito pequeno e a avó disse-lhe : “parece que tens pata de cão”
Pataco	M	
Pataxugos	MF	
Patinhos	MF	
Pato	M	
Pato	MF	
Pechincha	M	
Pechorro	MF	
Pedra	M	
Pedral	MF	Proveniente do Pedral
Pedras (Zé das)	M	
Pedregal	M	
Pedreiras (Maria das)	F	O avô trabalhava numa pedreira.
Pedreiros	MF	
Pegas	MF	
Pêgas	MF	
Peida	M	
Peixeira	MF	É essa a sua profissão
Peixeiro	M	
Peixinho (João)	M	
Pelado	MF	
Peluda (Célia)	F	
Peludo	M	
Peneiras	MF	
Penela	MF	
Penetilhas	MF	
Pentelhas	MF	
Pepe	M	
Pepino	M	Por ter uma barriga empinada muito para a frente.
Pepino	M	
Pequeninha	F	
Pequeno (João)	M	Quando era jovem, ia aos vizinhos roubar fruta e como era muito pequeno, não conseguia alcançar a fruta e chegava a casa sempre com a saca vazia.
Pequeno (Zé)	M	Pessoa de estatura baixa.
Pequeno (Zé)	M	
Pêra	F	
Perdidos	MF	
Perigosa	F	Por ameaçar as pessoas sempre com uma faca
Periquitos	MF	
Perrudo	M	Pessoa muito armante.
Pesca	M	É o seu passatempo preferido
Pesca	M	
Pestana	MF	Por não ter pestanas
Pestana	MF	
Pestanhinha	M	Tem as pestanas demasiado grandes
Petas	M	
Pêto	MF	
Pica limas	M	
Piçalho	M	
Picareta	M	Pelo seu nariz
Picota	MF	
Picota	MF	
Pide	F	Porque é uma alcoviteira, coscuvilheira.

Pifre	M	Por tocar flauta transversal
Pika	M	
Pilão	M	Pelo tamanho do pénis
Pilas (O)	M	Porque ele é pequeno e fraquito.
Pinante	M	
Pincha	M	Tem muita energia e não consegue estar sossegado
Pinguim	M	
Pinta Ratos	M	
Pintas	MF	
Piolho	M	
Piolho	MF	
Piolho (Quim)	F	
Pipa (Adelaide)	F	
Pipas	MF	
Pipina	F	
Pipo	MF	
Pipoca	M	
Piratas	MF	
Piriquita (A)	F	Anda a abanar o rabo e a ponta dos pés.
Pirocas	M	
Piroco	M	
Pisco	M	
Pisco	M	
Piscocilhas	MF	
Piscos	MF	
Pissinhas	M	
Pistola	MF	
Pistolas	MF	O avô era conhecido pelo seu nariz grande e bicudo, tinha a forma de uma pistola.
Pitadas	M	
Pitchel	M	
Piteiro	M	O pai dele vendia galinhas.
Playboy	M	
Poeta	M	Fala muito mas raramente diz alguma coisa pertinente
Pokey	M	É muito pequeno
Polícia	MF	
Polícia (Polícia)	M	
Pomba	MF	
Pombo	M	Conhecido por espalhar os boatos da vida das pessoas na aldeia.
Ponta esquerda	MF	
Popstar	F	
Porqueira	F	Negociava em porcos.
Porqueiro	M	
Porqueiro	M	
Porqueiro	MF	
Porqueiro (António)	M	
Porteira	MF	
Potes	MF	Eram gordos e baixos.
Potes	MF	São gordos e baixos
Pouca roupa	M	Usa sempre a mesma roupa.
Pouca sorte	M	O senhor afirma que não tem sorte na vida.
Pouca-terra	M	
Poupas	M	Usa penteado levantado para trás (faz uma poupa).
Poupas	MF	
Preguiça	MF	
Preguiçosos	MF	O homem era muito preguiçoso, não gostava de trabalhar e a mulher é que

		lutava pela vida.
Preto	M	Por ter um tom de pele muito escuro
Preto	M	
Preto	MF	
Preto (a)	MF	Por causa da sua cor da pele que é escura.
Preto/a	MF	Por ser muito moreno
Primas	F	
Pronto a vestir	M	Tem a casa cheia de roupa, nao a lava, veste e deita fora. O povo dá-lhe roupas.
Púcara	F	
Púcaro (s)	MF	Sempre que queria beber pediam um púcaro em vez de um copo.
Puje (Maria)	F	É muito feia e suja.
Putas (Zé)	M	
Puto	M	
Quadrado	M	
Quaresma	M	
Queijos	MF	
Queque	F	
Quinas	M	
Rabeca	MF	
Rabecas	MF	
Rabiças	MF	Pela expressão “rabiças” (nabiças)
Rabicha	F	
Rabisca	F	
Racha	MF	
Rainha	F	
Rambo	M	É alto e pesado (140kg).
Raminha	MF	
Rampinha	M	
Rampinha	M	
Rampinha	M	
Rana	M	
Ranhoso	M	Andava sempre com os ranhos verdes.
Raspa (Alzira)	F	
Ratinho	M	Era pequeno, magro e muito vivaço.
Rato	M	
Rato	M	
Rato	MF	
Rato	MF	
Rato	M	
Rato (s)	MF	Nasceu numa quinta chamada “Quinta da Rata”.
Ratos	MF	
Rebo	M	
Rebola (Tone)	M	Quando criança, gostava de se rebolar na relva.
Recto	MF	
Regas	M	Rega de propriedades.
Régua	M	Proveniente da Régua
Reguileiro	MF	
Reguileiro	MF	
Rei	M	
Rei dos bailes	M	Ele é que comanda os bailes.
Reis	MF	
Rela	F	
Rela	MF	
Remelados	MF	
Renda	MF	
Retornado	M	

Retratista	F	Tem dois significados : avô fazia retratos de pessoas e era uma pessoa muito respondona.
Retrato Corpo	M	Homem de baixo estatura.
RFM	F	
Rio (Zé do)	M	Por viver perto do rio
Riquezas	MF	
Risadas	M	Porque andava sempre a rir.
Rissos	MF	Não penteiam os cabelos.
Rita (Zé da)	M	A avó chamava-se Rita
Rock Santeiro	M	Usa chapéu branco como o Rock Santeiro
Rodão	M	
Rodas	MF	O bisavô andava na tropa e quando regressou perguntaram lhe o que fazia na tropa? Ele respondeu que andava as voltas (rodinhas).
Rodas Baixas	M	Por ser baixo
Rodela	M	
Rola	F	
Rola	M	
Roletos	MF	
Rolha	M	Tira sempre as rolhas aos garrafões.
Romanisco	MF	
Romanos	MF	
Ronca	M	Homem que fala muito alto.
Ronca	MF	
Rosa	M	
Rosinhas	M	
Ruça	F	Tinha o cabelo ruivo.
Ruça	F	
Ruça	F	
Ruço	M	Por ser loiro.
Ruço (a)	MF	O bisavô tinha o cabelo loiro.
Sabonete	M	Uma pessoa mal cheirosa
Sacaco	MF	
Sacristonas	F	
Saias	MF	
Saltarico	M	Anda sempre de casa em casa.
Saltitão	M	
Sameiro	F	Por ser do Sameiro
Santana	M	Homem pago para matar cabritos..
Santinhos	MF	
Sapateiro	M	Tinha a profissão de sapateiro.
Sapateiro (Pedro)	M	
Sapateiros	MF	
Sape-gata	F	
Sapo	M	Pela forma dos dedos
Sapo	M	Pessoa muito inteligente e tem por hábito dizer que sabe tudo.
Sapo	MF	
Sapo	M	Era baixo e gordo.
Sardão Pinto	M	
Sardinha	F	
Sardinha	M	
Sardinhas	MF	
Sardinheira	F	Mulher que vende peixe.
Sardinheira	F	
Sarreiro	M	
Sem tripas	M	O senhor é muito magro e tem o abdómem metido para dentro, ele diz que parece que não tem tripas.

Semião	M	
Sem-mão	M	
Senhora da Cave	F	Mora nuns fundos.
Seramil (Fátima)	F	Vive em Fiscal mas é originária de Seramil.
Serôdio	MF	A família é de estatura baixa.
Serra	MF	
Sete tigelas e meia	M	Comeu sete tigelas de sopa e não quis mais porque estava cheio.
Setepilas	M	Porque tinha um filho de cada mulher.
Shrek	M	Por ser bastante feio
Simpson	MF	
Sobe e desce	M	
Soccer-Star	M	Participou no recente concurso
Sôco	MF	
Souto	M	Proveniente de Souto
Sozinho	M	Andava sempre sozinho.
States	M	Nacionalidade
Sueca	F	
Sul (António)	M	
Super	M	Faz parte da claque dos “Super Dragões”
Tá fola	M	Pela expressão “Está fora!”
Tábuas	M	
Taipas	M	
Talhante	M	
Talho (Zé do)	M	Possui um talho na freguesia.
Tamanqueiro	MF	
Tamanqueiro	MF	
Taninha	F	Alcunha de infância
Tarzã	M	Porque andava a saltar para as arvores.
Tasqueiros	MF	
Tasqueiros	MF	
Taxa	MF	
Taxista	M	É quem leva sempre o carro para dar boleia aos amigos
Taxista	M	
Tchê tchê (Zé)	M	
Tecla três	M	
Tekinho	M	Alcunha de infância
Telheiro	M	Tirava as telhas de uns telhados para os outros.
Terrível	M	
Tesourinhas	M	Profissão
Tinoca	MF	
Tique	M	
Toca	M	Homem que gosta muito de ficar em casa e que é pouco dado a convívio.
Toca-badalos	M	
Tojeira	MF	Proveniente da Tojeira
Tolo (Paulo)	M	
Tom Sawyer	M	
Tomate	M	
Tomate	MF	
Tomateira	F	
Tonto	MF	
Tonto (Américo)	M	Andava com um cavalo a percorrer as ruas.
Torcato	M	
Tordos	MF	Viviam numa quinta chamada quinta da Torda.
Torre (Deolinda da)	F	
Torrel	M	
Torto	M	

Tosco	M	Tem um atraso mental.
Totobola	M	Ganhou uns trocos quando foi deportado da França e quando chegou disse que lhe saiu o Totobola
Totobola	M	
Toupeira	MF	Não saía de casa
Toureira	MF	
Toy	M	
Trabassos	M	
Tractor (Tone)	M	Possui um tractor.
Tractor (Zé)	M	Pequeno só brincava com tractores e emitava o som.
Trangalheira	F	Anda sempre de salto alto e é barulhenta ao andar.
Tranquile	M	Andava sempre muito descontraído, de braços cruzados.
Treme-Treme	M	
Tremoceira	MF	
Três da manhã	M	
Treta	MF	
Trik Pok	F	
Trolhas	MF	
Tropeço (José)	M	
Tufas	M	
Turra	MF	
U (Maria do)	F	Tem a cabeça em forma de U.
Ucha (Bruno)	M	Vive em Caldelas mas é originário da freguesia de Ucha.
Ursos	MF	Família cujo corpo é muito peludo (homens como mulheres)
Vacas (Zé das)	M	Mandavam-no trabalhar, mas ele só queria ir guardar as vacas..
Vai Uvas	M	Nas vindimas repetia sempre essa frase.
Valetas (Zé das)	M	
Vara e meia	M	É alto e magro.
Vara e meia	MF	
Varinhas	M	
Veiga (Zé da)	M	
Velas	M	Um individuo alto que apaga as velas na igreja.
Velho (Manuel)	M	
Vendeira (Licinha)	F	
Ventoinha	M	Pessoa com a cabeça no ar.
Verdilhoa	F	
Vianas	MF	
Viara	MF	
Vicenta	F	
Vidraçeiro	M	Trabalha numa vidraria.
Vidrinho	M	Usa óculos com lentes muito graduadas.
Vilafranca	MF	
Vilar	MF	Proveniente de Vilar
Vinagre	MF	
Violas	F	
Vira abeca	M	Fazia jeiras (lavrava as terras)
Vistafina	M	Não se deixava enganar.
Viúva (Arlinda)	F	
Viúvo (O)	M	Porque lhe morreu a mulher cedo.
Weazel	M	
Xalana	MF	
Xanisca	MF	
Xarrano	MF	
Xavelhas	F	
Xedas	MF	
Xepa	M	Alcunha de infância

Xinca	MF	
Xizos	M	
Zicas	MF	
Ziglo	M	Apresentou-se a uma rapariga como Ivo e ela percebeu mal e ficou ziglo.
Zunidoiro	M	Homem que não pára quieto, anda sempre de um lado para o outro.

Bibliografia

- Giora, Rachel, 1997, "Understanding figurative and literal language: The graded salience hypothesis", *Cognitive Linguistics*, 8-3, 183-206.
- Ramos, Francisco M. e Silva, Carlos A., 2002, *Tratado das Alcuinhas Alentejanas*, Edições Colibri, Lisboa.
- Silva, Augusto Soares da, 2003, "O poder cognitivo da metáfora e da metonímia", *Revista Portuguesa de Humanidades*, VII, 13-15, pp. 13-75.